

LUIS SEPÚLVEDA

HISTÓRIA DE UM CÃO  
CHAMADO LEAL


Ilustrações de Paulo Galindro

Tradução de Helena Pitta





# DUNGU... Palavras



**E**ste livro é o pagamento de uma dívida antiga. Sempre afirmei que grande parte da minha vocação de escritor decorre da circunstância de os meus avós contarem histórias e de, no longínquo Sul do Chile, numa região chamada Araucânia ou Wallmapu, ter tido um tio-avô, Ignacio Kallfukura, mapuche (são duas palavras unidas: *mapu*, que significa «terra»; *che*, que significa «gente», e cuja tradução correta é Gente da Terra), que, ao entardecer e na sua língua, o *mapudungun*, contava histórias às crianças mapuches. Eu não entendia tudo o que os outros mapuches diziam na sua língua vernácula, mas compreendia as histórias contadas pelo meu tio-avô.



Eram histórias que falavam de raposas, de pumas, de condores e de papagaios, mas as minhas favoritas eram as que contavam as aventuras de *wigña*, o gato-bravo. E entendia o que o meu tio-avô contava porque, apesar de não ter nascido na Araucânia, em Wallmapu, também sou mapuche. Também sou Gente da Terra.

Sempre quis contar uma história às crianças mapuches, ao entardecer, junto ao rio, enquanto comemos os frutos da araucária e bebemos o sumo das maçãs acabadas de colher nos pomares.

Agora que me aproximo da idade do meu tio-avô Ignacio Kallfukura, conto-vos esta história de um cão que cresceu com os mapuches. De um cão chamado Leal.

Convido-vos, pois, a virem à Araucânia, a Wallmapu, ao país da Gente da Terra.





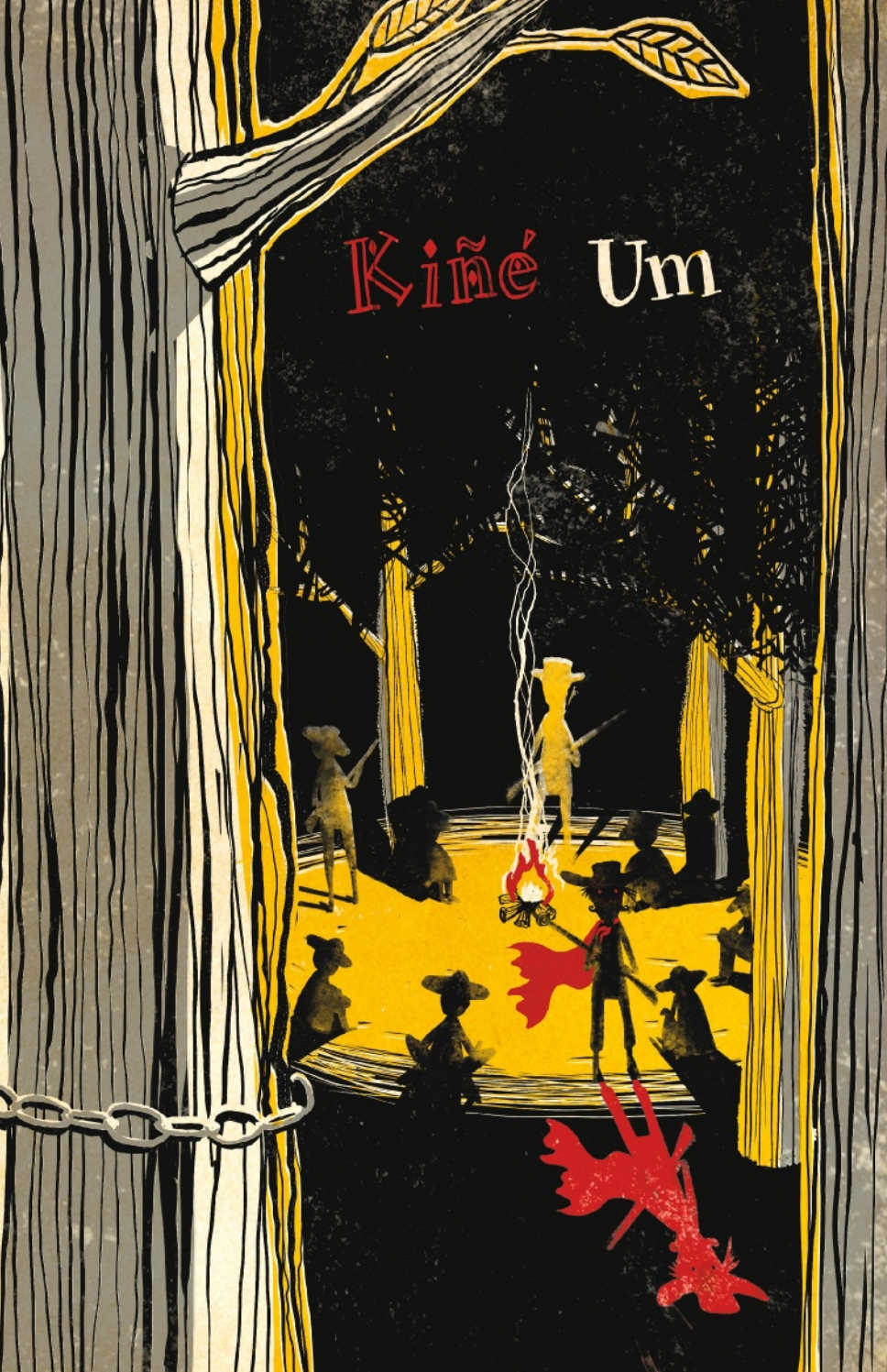


Para os meus netos  
Daniel, Gabriel,  
Camila, Valentina, Aurora e Samuel.  
Para os meus pequenos irmãos do povo Mapuche.  
O meu povo.






# Kinë Um







**O** bando de homens está com medo. Sei-o bem porque sou um cão e ao meu olfato chega o cheiro ácido do medo. O medo tem sempre o mesmo cheiro, não importa se o sente o homem receoso da escuridão da noite ou *waren*, o rato, que come até que o seu peso se transforma em lastro, quando *wigña*, o gato-bravo, se move em silêncio por entre os arbustos.

Nos homens é tão forte o cheiro do medo que confunde os aromas da terra húmida, das árvores e das plantas, das bagas, dos cogumelos e do musgo que, da espessura do bosque, o vento traz até mim.

Embora ténue, o ar também me traz o cheiro do fugitivo, mas é um odor diferente, a lenha seca, a farinha e a maçã. A tudo o que perdi.





– O índio está escondido do outro lado do rio. Não devíamos soltar o Cão? – pergunta um dos homens.

– Não. Está muito escuro. Soltamo-lo assim que nascer o dia – responde o homem que comanda o bando.

Os homens do bando dividem-se entre os que se sentam à volta da fogueira que acenderam, amaldiçoando a lenha húmida, e os que, com as suas armas de matar nas mãos, olham para a escuridão do bosque e só veem sombras.

Eu também me deito sobre as patas, afastado deles. Gostava de estar mais perto do calor, mas evito a fogueira porque o fumo me turvaria os olhos e o meu olfato deixaria de receber os diferentes odores. Acenderam mal o fogo e ele depressa se apagará. Os homens deste bando ignoram que *lemu*, o bosque, fornece boa lenha seca, e que basta pedi-la dizendo *mamiüll*, *mamiüll*. Então, o bosque entende que o homem tem frio e deixa-o acender uma fogueira.

Aos meus ouvidos chega o coaxar de *llüingki*, a rã, escondida entre as pedras da outra margem, e de *leufü*, o rio que desce das montanhas. De vez em quando, do cimo das árvores, *konkon*, o mocho, imita o vento, e *pinüyke*, o morcego, bate as asas enquanto voa e devora insetos noturnos.

Os homens do bando receiam os ruídos do bosque. Agitam-se, inquietos, e eu sinto o cheiro penetrante do medo que não os deixa descansar. Tento afastar-me um pouco deles, mas a corrente que tenho ao pescoço, e que prenderam a um tronco, impede-me de o fazer.



- Damos alguma comida ao Cão? - pergunta um dos homens.

- Não. Um cão caça melhor quando está esfomeado - responde o chefe do bando.



Fecho os olhos; sinto fome e sede, mas não tem importância. Não importa que, para o bando, não seja mais do que o Cão porque deles não espero senão a chibata. Não importa porque, da escuridão, me chega o aroma ténue do que perdi.

